

SÃO PAULO, SP, 8 DE JUNHO DE 2002

*Meu caro Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin; Lúcia; Senhores Ministros, aqui presentes; Senhores dirigentes da Fapesp; Pesquisadores, Pesquisadoras; Senhoras e Senhores,*

É para mim uma emoção estar aqui, nesta noite, em São Paulo, na comemoração dos 40 anos da Fapesp. Tanto que não vou ler nenhum discurso: vou apenas rememorar um pouco e, ao final, talvez, anunciar algo para a Fapesp.

Enquanto ouvia as palavras dos que aqui me antecederam, sobre o desenvolvimento científico no Brasil e em São Paulo, não podia deixar de me recordar, realmente, do que aconteceu nessas décadas, pelo menos nas décadas em que pude participar de feiras anteriores ou leituras. Foi uma transformação muito forte que aconteceu nesses 50 anos. É quase inimaginável o que aconteceu nesses 50 anos em matéria de ciência, de tecnologia, de organização das ciências, de fomento da ciência no Brasil.

E chama logo a atenção o fato – aqui já mencionado pelo Doutor Peres e pelo Doutor Brito – de que as nossas grandes instituições fo-

mentadoras de pesquisas foram, no começo dos anos 50, o CNPq e a Capes. A Fapesp já tinha sido proposta antes; foi implementada mais tarde, mas já havia sido proposta. Ora, a National Scientific Foundation – e o Conseil Nationale Cientifique, na França – nos anos 50, no começo dos anos 50, quer dizer, não só agora, pelo seu diretor, vem dizer que nós estamos à frente. Já há 50 anos ou há 60 anos, nós estávamos nos esforçando para criar um ambiente favorável ao desenvolvimento científico e tecnológico. Isso talvez seja o que tenha feito a diferença para o Brasil nesses últimos 50 anos.

A diferença é que, no Brasil, com respeito ao seu passado e com respeito a outros países, nós realmente conseguimos institucionalizar a pesquisa científica e começamos a fazer uma cooperação intensa entre as empresas e as universidades, de tal maneira que nós pudéssemos, como estamos fazendo hoje, multiplicar as nossas fontes de recursos, mas também – mais importante do que fontes de recursos – os nossos critérios de indagação. E não nos restringimos apenas a desenvolvimento dentro das universidades, o que é fundamental, mas, também tratamos de ver o desenvolvimento daquilo que se produz nas universidades, em termos do desenvolvimento tecnológico, que permite alavancar o crescimento econômico.

Não conheço muitos países que tenham tido capacidade de institucionalizar a ciência – países subdesenvolvidos, co-mo se dizia na época – como o Brasil. Talvez a Índia tenha feito algo semelhante. Não é um fato banal. E esse fato é o que explica, hoje, aquilo que já foi mencionado pelo Governador Geraldo Alckmin: o fato de que estamos na vanguarda em certas áreas de desenvolvimento industrial, como no caso mencionado dos aviões. Mas são muitos outros casos em que temos condições efetivas de competitividade. Isso é que faz a diferença. Quando se vêem as estatísticas sobre investimento na indústria ou na economia em geral e quando se vê a aceleração desse investimento, sobretudo a transferência de recursos do exterior para cá e se pergunta: por que no Brasil? não é só porque nós temos um grande mercado: é porque nós temos, também, capacidade de absolver conhecimento e criar conhecimento. Hoje em dia, não se trata de absorver: trata-se de criar conheci-

mentos. Não existe transferência de tecnologia, no sentido mecânico: existe a recriação de tecnologia e existe a capacidade que tem a sociedade, no seu conjunto, de avançar.

Hoje é banal dizer-se que nós vivemos na sociedade do conhecimento. E é verdade. Nós dependemos, vitalmente, sobretudo das ciências de comunicação, de informática, da ciência do espaço. Enfim, vivemos numa sociedade que requer o conhecimento para a vida cotidiana. Isso é um desafio central. E esse desafio central não se pense que interessa apenas àqueles que estão diretamente nas atividades produtivas ou científicas. Não. A possibilidade que o Brasil tem de ultrapassar os seus grandes problemas – a pobreza e a desigualdade – depende fundamentalmente da utilização das novas tecnologias e da nossa capacidade de avançarmos, exatamente no momento em que há uma revolução tecnológica no mundo, e que nós podemos aproveitar e saltar de um estado de relativo atraso para um estado de *up-to-date*, no que diz respeito à absorção de tecnologia.

Eu costumo me referir, sobretudo quando estou no estrangeiro, ao fato de que, por exemplo, não há nenhum país que tenha feito o que se fez aqui, no Brasil, em termos de utilização dos meios de informática para serviços públicos.

Hoje, a prestação do – ninguém gosta de pagar imposto de renda, mas vou ter que citar – imposto de renda se faz, basicamente, através da Internet: 95%, senão que mais. Claro que nem todas as pessoas têm computador em casa, mas já têm computador à sua disposição ou conhecem pessoas que podem usar o computador. E isso são 15 milhões de pessoas. Desses 15 milhões, mais de 95% utilizam a Internet para prestar as suas declarações de imposto de renda. Isso para dar um exemplo que é bastante impactante, é forte.

Vejam o avanço que tem havido no Estado de São Paulo, na utilização da Internet e dos meios de informática para a prestação de serviço público. É muito grande. No Governo Federal, também, a quantidade de serviços que são prestados à comunidade diretamente é imensa.

Bom, é disso que se trata quando se fala da possibilidade de essa sociedade absorver as novas formas de conhecimento, de se transfor-

mar naquilo que mais interessa no modo de viver, que é melhor condição de vida, de qualidade de vida, melhorar os níveis, diminuir os níveis de desigualdade existentes, aumentar a participação. Tudo isso, hoje, depende de ciência e tecnologia, mas depende da difusão desses conhecimentos. E aqui se viu que a Fapesp cuida de difusão também.

É claro que, quando se vêem os dados de São Paulo, nós todos ficamos orgulhosos. Não é o só o Governador: todos nós ficamos orgulhosos com os dados que aqui apresentaram e que nós sabemos sobre o desenvolvimento em São Paulo. Mas há de se ver que isso é um processo que se generaliza no Brasil. Nós criamos, graças à ação energética do Ministro Ronaldo Sardenberg, fundos de pesquisas e vamos gerar cerca de um bilhão de reais adicionais, todo ano, que virão do setor produtivo para permitir que haja uma alavancagem muito grande na pesquisa científica no Brasil. E sempre com esse espírito, ressaltado aqui, de cooperação.

A Fapesp coopera com o CNPq, que coopera com a Capes e com várias entidades. Hoje, há fundações em vários estados. De modo que, realmente, estamos produzindo pelo menos a possibilidade de uma sociedade melhor através do desenvolvimento científico, fazendo jus àquela proclamação que foi lida pelos cientistas em 47, para mostrar que, realmente, tudo depende do desenvolvimento científico e tecnológico.

Eu dizia que queria fazer algumas recordações. O Alberto Carvalho da Silva mencionou que nós criamos, hoje, uma Adusp. Ele nem sabe que nós é que fundamos, nós que fizemos, realmente, a Associação dos Auxiliares de Ensino. Na época era isso, era cátedra, e a cátedra era os que funcionavam ao redor da cátedra vitalícia. Como foi dito aqui, já, era demissível *ad nutum*. Era o que mais nos irritava. Demissível *ad nutum* quer dizer: pode ser demitido pela vontade do catedrático a qualquer momento, fosse livre docente, doutor ou o que fosse. E criar o que hoje é banal, a carreira universitária, foi uma luta tremenda.

Eu não me lembro de quando fui eleito para o Conselho Universitário – fui eleito, sei lá, em 50 e poucos, 55, por aí –, eleito representante dos antigos alunos. Mais tarde, o Alberto foi eleito também como representante, não me lembro se dos doutores ou dos livre-docentes.

Quando fui eleito, eram dois ou três, e o resto eram todos professores catedráticos. E dizer aos professores catedráticos que nós queríamos uma carreira era subversão. Aliás, fui considerado “vermelho”, subversivo. Talvez até tenha sido mesmo, mas em razão, basicamente, naquela época, das lutas pela modernização da universidade. E era muito difícil. Eu cansei de ouvir no Conselho Universitário da época: “Para que falar tanto de pesquisa? Universidade é para ensinar.” Havia essa mentalidade. Isso foi mudando, pouco a pouco, com muita persistência.

E foi preciso que houvesse um Governador como o Carvalho Pinto, e, ao lado do Carvalho Pinto, estavam ali o Hélio Bicudo e o Plínio de Arruda Sampaio, que não foi mencionado, mas também ajudou muito nisso; e um Reitor extraordinário, que foi o Professor Ulhoa Cintra. Era Professor da Faculdade de Medicina e foi Reitor da Universidade de São Paulo. E nós conseguimos, através do Ulhoa Cintra, fazer com que as autoridades do Estado se sensibilizassem para a formação da Fapesp e também da carreira universitária. Era uma luta em conjunto.

Naquela época, estava o Luís Hildebrando Pereira da Silva muito envolvido nessas lutas todas, assim como o Moisés Rabinovitch, que está nos Estados Unidos hoje. Enfim, era um grupo do pessoal da Medicina, basicamente, um outro da Politécnica – creio que se chamava Abraão Simon...; não, esse era da Medicina –, um ou outro da Politécnica e uns poucos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. E nós conseguimos convencer da importância de regulamentar a Fapesp. O Alberto teve um papel crucial nesse processo todo, porque foi Diretor Científico; depois também o Saad, a Elza Decoy. Enfim, havia um grupo de pessoas com a preocupação central de que era necessário criar condições para o desenvolvimento da pesquisa – e para evitar que houvesse clientelismo, favoritismo, protecionismo. Essa idéia, que já estava lá com o Caio Prado, é que nos dominava. O Caio Prado era uma pessoa que tinha sua singularidade. Trabalhei com o Caio Prado numa revista chamada “Fundamento”, acho que no comecinho de 50 – o tempo passa. Eu era muito jovem. E o Caio tinha essa concepção de que não era possível haver clientelismo. Todos nós tínhamos essa concepção de que o clientelismo, na ciência, era inaceitável.

Acho que, realmente, a Fapesp foi pioneira nisso de criar condições para o desenvolvimento científico, colocando as decisões nas mãos da comunidade e evitando que houvesse interferência.

Bom, no discurso aqui, escrito, há citação de John Adams, que foi Presidente dos Estados Unidos, que dizia que iria se dedicar à arte da política para que os filhos pudessem se dedicar à filosofia e à matemática. Era preciso haver uma separação. Eu fiz o contrário: eu comecei, como estão vendo aí, em 62, já pedindo dinheiro lá para a Fapesp – e me deram. E a minha tese de docência está publicada, até, em várias línguas. O livro chama-se assim mesmo “Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil”. Mas eu fiz o contrário: em vez de ficar me dedicando à Sociologia, fui me dedicar à política. Não sei se é uma boa coisa, sinceramente, do ponto de vista de realização pessoal – quem sabe o que seria mais adequado?

Mas, pelo menos, tenho uma satisfação: é que, exercendo a Presidência, eu me mantive absolutamente fiel aos ideais que foram do Caio Prado, do grupo fundador da Fapesp. O Ministro Sardenberg sabe disso, e os outros Ministros sabem disso, como o Ministro Paulo Renato, que está aqui. Eu nunca deixei que houvesse confusão entre o interesse acadêmico, o interesse universitário, o interesse público e o interesse político-partidário. Então, acho que é uma questão fundamental para que possamos amadurecer o nosso processo democrático.

Bom, essa é, hoje, aqui, em São Paulo, uma trajetória já, digamos assim, estabelecida. Não existe mais nenhuma preocupação. A transferência de recursos é automática, a independência dos órgãos decisórios é total. Os Governadores – uns com alegria, é o caso do Mário Covas, caso do Geraldo Alckmin; outros devem perceber – vão transferindo recursos. E as coisas vão funcionando.

Mas acho – e quero finalizar com isso, ao comemorar esses 40 anos da Fapesp – que talvez tenha chegado o momento de o Governo Federal também contribuir para estabilizar ainda mais a Fapesp. Houve uma longa negociação da chamada dívida de São Paulo. O Governador Mário Covas, que vocês conheciam, era um homem lutador, teimoso, que defendia muito o interesse de São Paulo. Ele empurrou algumas coisas

para o Governo Federal, como forma de pagamento. Umas nós não pudemos nem aceitar, mas algumas, sim. E entre o que foi passado para a União, como forma de pagamento da dívida, está uma área de 23 alqueires, na cidade de São Paulo, dentro da cidade de São Paulo – é a Ceagesp.

Há algum tempo, falei com o Reitor da USP e disse a ele – e reitero: tenho a disposição de passar esse patrimônio para a Universidade. Hoje, quero propor que esse patrimônio venha via Fapesp e que haja um entendimento entre a USP, a Fapesp e o Governo Federal, de tal maneira que nós possamos dotar essas instituições. A Universidade precisa de espaço para os seus museus, e a Fapesp precisa de recursos sólidos para alavancar mais ainda suas atividades. E que nós passemos tudo isso para o domínio dessas instituições.

Determinei ao Ministro do Planejamento, antes de vir para cá, que criasse um grupo – e eu convido agora tanto a USP quanto a Fapesp a participarem desse grupo – para que nós avaliemos o que é possível fazer. É possível fazer. E acho que isso pode resultar num *funding* muito grande para a Fapesp. Acho que é a maneira de eu poder comemorar os 42 anos da Fapesp.

E parabéns a vocês todos!